

Texto: Fabiana Guimarães

Ilustrações: Cris Soares

Travessia



PAIC
INTEGRAL



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO





Texto: **Fabiana Guimarães**

Ilustrações: **Cris Soares**

Travessia



Fortaleza • Ceará • 2022

Copyright © 2022 Fabiana Guimarães

Copyright © 2022 Cris Soares

Governador

Elmano de Freitas da Costa

Vice-Governadora

Jade Afonso Romero

Secretária da Educação

Eliana Nunes Estrela

Secretária Executiva de Cooperação com os Municípios

Emanuelle Grace Kelly Santos de Oliveira

Coordenadora de Cooperação com os Municípios para Desenvolvimento da Aprendizagem na Idade Certa - COPEM

Cristiane Cunha Nóbrega

Articuladora de Cooperação com os Municípios para Desenvolvimento da Aprendizagem na Idade Certa - COPEM

Arinda Cibelle Galvão Lobo

Orientador da Célula de Fortalecimento da Alfabetização e Ensino Fundamental - CEFAE

Cristiano Rodrigues Rabelo

Eixo de Literatura e Formação do Leitor

Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda

Sammya Santos Araújo

Antônio Elder Monteiro de Sales

**Coordenação Editorial,
Preparação de Originais e Revisão**

Kelsen Bravos

Revisão Textual

Sara Colares

Coordenação Gráfica

Daniel Dias

Design Editorial / Capas

Jozias Rodrigues

Marisa Marques

Catálogo e Normalização

Centro de Documentação e Informações

Educacionais - SEDUC / CDIE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G963t Guimarães, Fabiana

Travessia / Fabiana Guimarães; ilustrações Cris Soares. - Fortaleza: SEDUC, 2022.

32p.; il.

ISBN 978-85-8171-393-9

1. Literatura infantojuvenil. 2. Negritude. 3. Cultura. I. Guimarães, Fabiana. II. Soares, Cris. III. Título.

CDD: 028.5



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

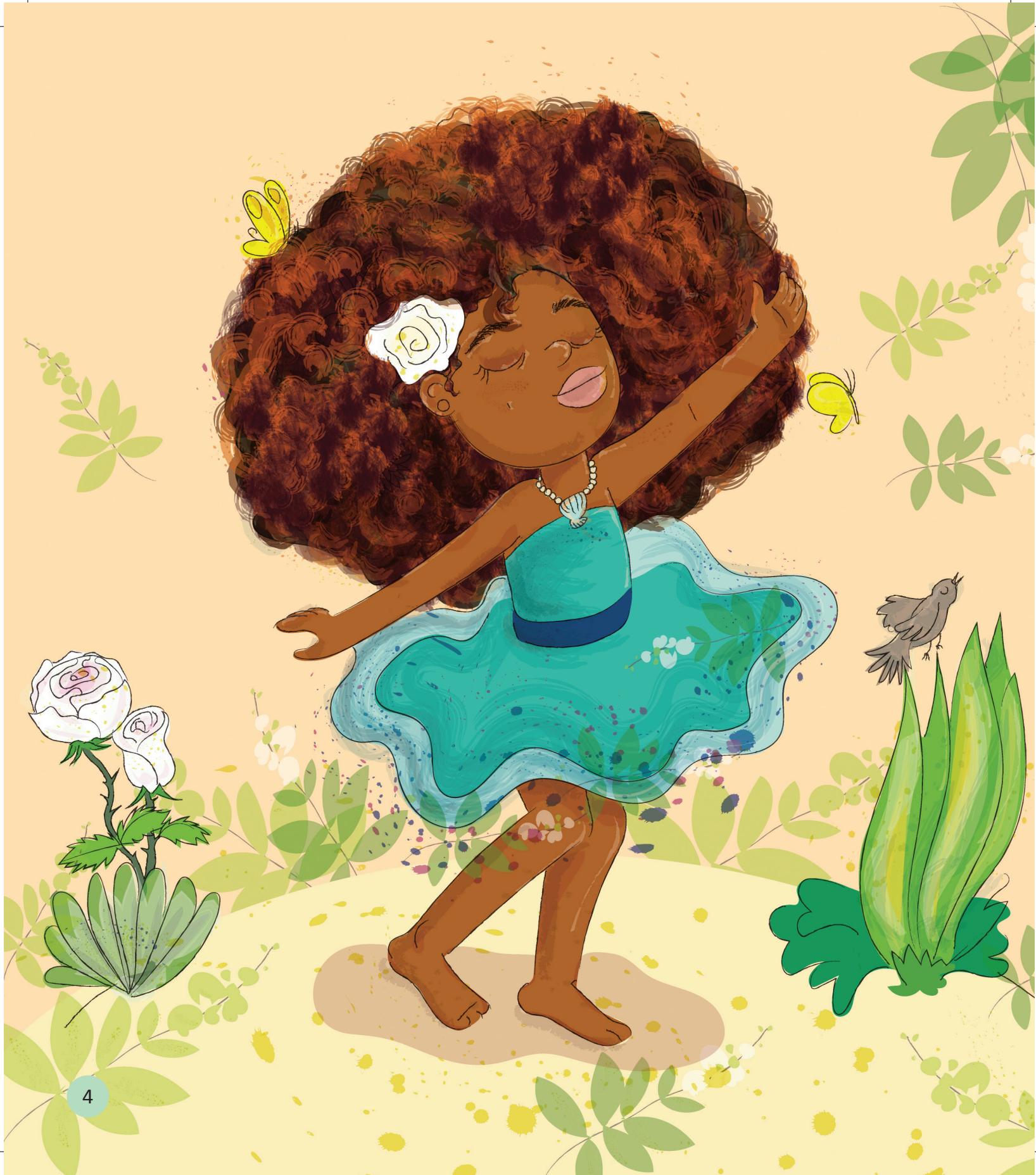
SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará

Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambéba - Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325

(Todos os Direitos Reservados / Proibida a comercialização)



A PLÍNIO CAMILLO, pela inspiração e grandeza.
Ao irmão mais velho, JOSÉ ROCHA,
em honra à sua vida e ao seu destino.





— Herdou da vó!

Vó preta cantava para Oxum enquanto Fulô rodopiava o amarelo-ouro da saia. Giras de luz nos espaços do terreiro. No corpo, a ginga que só preta tem. Obá sorria!

Buquês de flores no jardim. Vó preta as ofertava para Iemanjá. Com vestido azul-celeste, Fulô a acompanhava e a ajudava e aprendia.

— Puxou à avó essa menina!

Vó preta fazia banhos de manjeriçã, alfavaca, guiné... Fulô se banhava nas águas cheirosas.



Vó preta defumava a casa e o terreiro. Fulô recebia o cheiro bom da fumaça e a espalhava com as mãos pelo corpo, que festejava Nanã.

— Essa menina só não é tão preta como a avó, mas o pixaim não nega.

Solta ao vento, dançava. Cantava. Plantava...
Nem ligava!

Dia diferente. Iria para a escola. Aquele friozinho na barriga das primeiras vezes. Cabeleira livre na brisa da manhã, pôs o pé na estrada.



Sentada na primeira fila. Não demorou e já era sua vez de se apresentar.

- Sou Fulô.
- Fulô não é nome de gente.
- É, sim! Minha vó me chama assim.
- E esse cabelo?
- Ninho de urubu!
- Uma flor assanhada, professora!

A menina baixou os olhos. Mordeu o lábio. O calorzinho da lágrima desceu pelo seu rosto.

No recreio:

— Fulô assanhada!

No banheiro:

— Cabelo de bombril!

Na sala:

— Cabelo de vassoura!

Nos caminhos...

Cabisbaixa, ela voltou para casa.



Hora da escola. O corpo não despertava mais. O pai a acordava.

Pouco a pouco, a cabeleira murchou.

Um pitó.

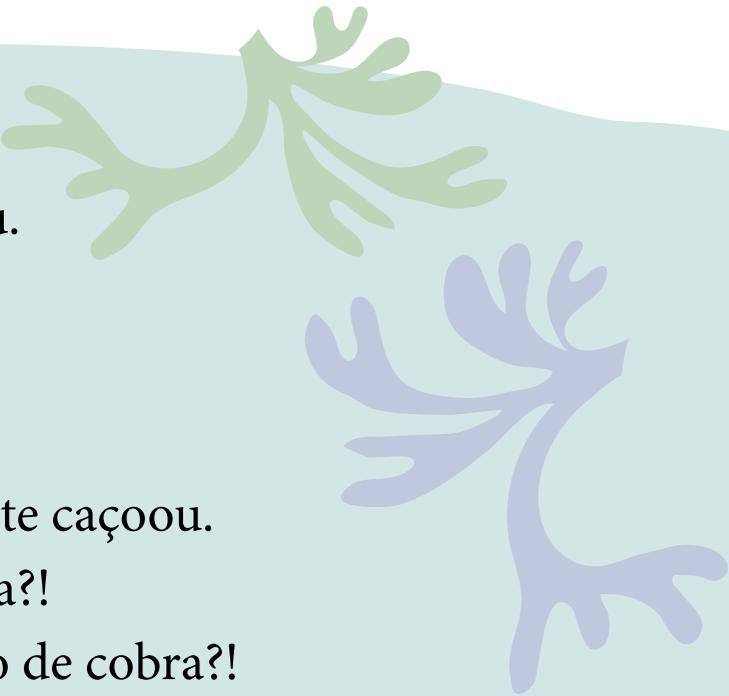
Um rabo de cavalo.

Um cocó.

Enfim, decidiu!

Diante do espelho. Pixaim entristecido. Passou a tesoura. Socou a sobra embaixo de um lenço.





A vó preta estranhou.
A vó branca vibrou.
A mãe não gostou.
O pai se espantou.
Na escola, muita gente caçou.
— Prendeu a arapuca?!
— Escondeu o ninho de cobra?!

Fulô mordeu o lábio. Engoliu o choro. Trancou o sorriso. Seguiu por muito tempo com a beleza escondida.

Foi assim que a conheci. Primeiro dia de aula. Sentada no fim da sala. A última a se apresentar.

Com um fio frágil de voz, pronunciou seu nome. Além do nome, o lenço me chamou a atenção.

Maria Flor me olhava. Brilho nos olhos. Onde eu estivesse na escola, lá estava ela a me espiar. Foi assim durante muito tempo.

Dias especiais. Solto e espalho as madeixas. Primeira festa juntas. Percebi sua admiração.

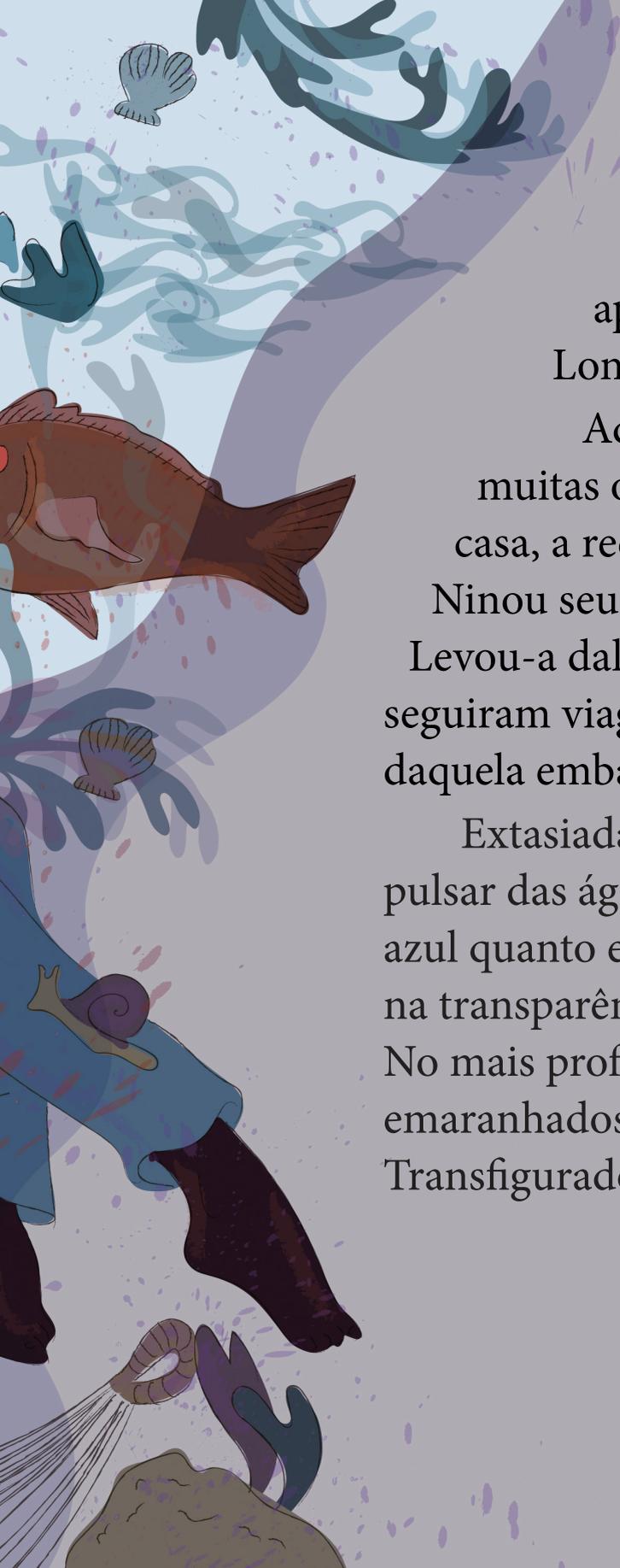
Naquela noite, grudou em mim. Quando sentei para um descanso, pediu-me licença. Com a ponta dos dedos, contornou meu pixaim. Cafuné gostoso. Descansei nas suas mãos.

- Você é igual à minha vó.
- Você gosta da cor e dos cabelos dela?
- Eu, sim, mas, aqui na escola, ninguém gosta.
- Eu gosto muito! Eles dizem de onde viemos. Sabia?
- De onde foi?
- Da África!
- África?!

Foi a primeira vez que vi seu sorriso.







Lembrei o quanto foi difícil
apreciar o meu corpo preto...
Longo caminho...

Aquela noite foi diferente das
muitas outras, insones. Ao chegar em
casa, a rede lhe chamou. Virou navio.
Ninou seu corpo. Balanço fluido de ondas.
Levou-a dali. Junto, a vó preta e o pai
seguiram viagem. O mar, estrada conhecida
daquela embarcação.

Extasiada! A grandeza do oceano! O
pulsar das águas em seu corpo! O vestido, tão
azul quanto elas, para o mar confluuiu. Viu-se
na transparência do grande espelho líquido.
No mais profundo da imagem, corpos negros
emaranhados nas algas. Muitos. Machucados.
Transfigurados. Flutuavam sem vida.

Ocupavam todos os espaços. Acariciados pelas barbatanas dos peixes, dançavam. Dança fúnebre de despedida. Lembrou do avô. Um dos muitos mortos.

Ele teve seu martírio em terra. Nem sequer o conhecera. Dele, só sabia das histórias contadas pela família.

Imagens entrecruzadas. Sobre elas, o sol, cujos raios multiplicavam camadas. Fios de outros tempos. Contavam a história daqueles que, fazendo aquela travessia, tiveram, naquele grande útero, a única forma de liberdade garantida.

Comovida. As águas lhe chegaram aos olhos. Lavaram a dor encrustada na carne. Levaram o grito silenciado do coração à garganta.



Coração na garganta!
Gritou!
Todas as dores...
Gritooooooooou!
Todos os medos...
Gritooooooooou!
Pelos abusos...
Gritooooooooou!
Pelas crueldades...
Pelos pavores...
Pelos horrores...

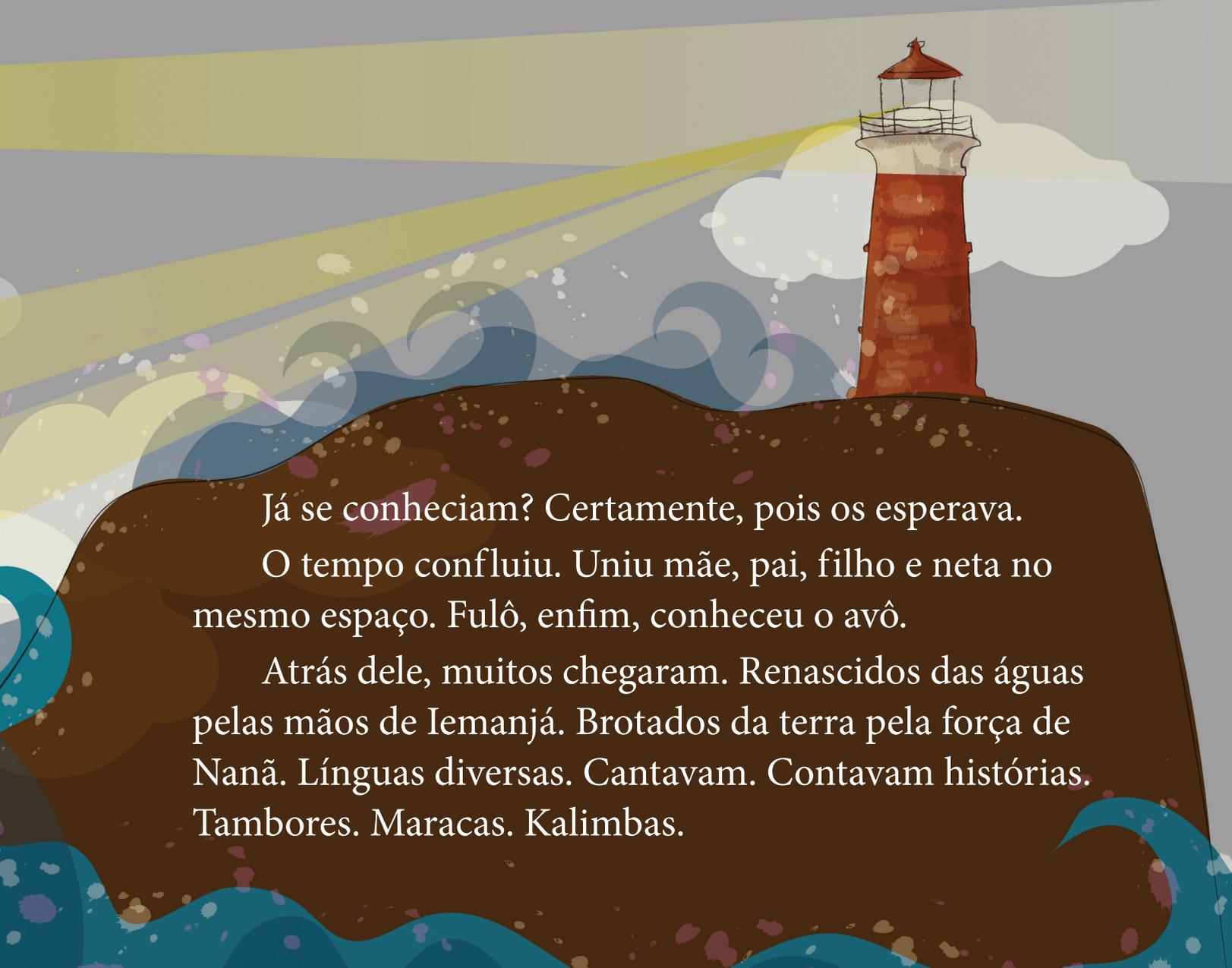


Gritou tão alto que despertou Iemanjá no fundo do mar. Majestosa mãe, aquosa, expandiu-se! Mãos de amparo recolheram um a um dos seus ao aconchego de sua concha-portal. Amorasas mãos desembaraçaram os cabelos presos à ramagem. Fio por fio. Com ervas, curou-lhes as feridas: uma por uma. Enfim, encaminhou-os ao Orum.



A cada corpo remido, um nó desatado no coração da menina. Secas as águas nos seus olhos, enxergou o porto que os aguardava.

Farol para o navio, o velho homem. Solitário. Olhava fixo na direção do mar. Ao avistá-lo, vó preta e seu filho vibraram de alegria.

An illustration of a lighthouse on a rocky island. The lighthouse is a tall, reddish-brown tower with a white lantern room and a red roof. A bright yellow beam of light from the lantern room illuminates the sea and the sky. The sea is depicted with stylized, layered waves in shades of blue and green. The sky is a mix of grey and yellow, suggesting a sunset or sunrise. The lighthouse sits on a dark brown, rocky outcrop.

Já se conheciam? Certamente, pois os esperava.

O tempo confluíu. Uniu mãe, pai, filho e neta no mesmo espaço. Fulô, enfim, conheceu o avô.

Atrás dele, muitos chegaram. Renascidos das águas pelas mãos de Iemanjá. Brotados da terra pela força de Nanã. Línguas diversas. Cantavam. Contavam histórias. Tambores. Maracas. Kalimbas.

Transbordavam a festa em seus corpos. Todos ligados pelos fios dos cabelos: longas raízes. Traziam-nos de muitos lugares. Vários territórios daquele grandioso continente. Pelas mãos de Oxum, trançados. Tramas de amor os unia.

Fulô acolheu seus cachos, brotos de uma longa trança, e seu pai, fio transmissor daquela amorosa história.





Obá sorriu, maravilhada.

Naquela manhã, o corpo despertou sozinho.
Saudade do cabelo. Agora conhecia suas raízes. Diante do espelho: sua cor, seu cacheado, sua boca, seu nariz. Sim, era uma preta! Honrada, arrancou o lenço. A carapinha pulou. Cacho por cacho. Samba frenético.

No velho baú, esquecidos, os enfeites do cabelo que vó preta lhe dera. Escolheu o que usaria.

Pé na estrada. Novamente a boa sensação do vento fresco da manhã modelando seu penteado. Soprou. Espalhou as sementes das suas raízes.

Surpreendi-me.

Fulô sem o lenço!

Fulô de fivela.

Fulô graciosa.

Fulô enfeitada.

Espalhei minha juba: cacheada, bela. Entrei na sala.
Arregalamos os olhos. Vimos uma à outra. Cabelos
brotados do mesmo tronco cresceram em afeto.
Trançamo-nos, em uma longa trança...



Dias seguintes. O desabrochar da menina Flor.
Beleza e cor reluziam dia após dia.

Fulô de trança...

Fulô de laço...

Fulô de tiara...

Fulô encrespada...

Fulô falante...

Voltou a sentar na primeira fila. Lia textos em voz
alta. Participava das apresentações da escola.



Um dia, um belo dia, fez-me uma proposta:

— Professora, vamos fazer um sarau?

— Adorei a ideia!

— Quem são os escritores pretos?

— Muitos e bons, Fulô! Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Machado de Assis, Cruz e Sousa, Kiusam de Oliveira, Maria Firmina dos Reis, Cristiane Sobral, Luiz Gama, Plínio Camillo, entre muitos outros.

— Que tal fazermos um sarau só com eles?

— Maravilha! Vamos estudá-los...

Escolher os textos...





— Professora, por que eles não estão nos nossos livros?

— Por que acha que isso acontece?

— Porque são negros. Sempre fomos excluídos, mortos e silenciados.

— Mas não é justo!

— Não é mesmo!

— Por isso devemos arrasar nesse sarau, fazer ecoar nossa voz!

— O cabelo da Fulô é igual ao seu, professora!

— O cabelo da professora é igual ao da Fulô!

— Sim, somos negras, iguais a todos esses escritores e escritoras.

— Eu também sou!

— Eu também!

— Eu também!

— Eu queria ter essa cor linda!

— E eu, esses cabelos!

Foram muitas descobertas.

Dia do sarau: tudo preparado. Auditório lotado.

Cada aluno apresentou um escritor, sua biografia e um de seus textos.

— Kiusam de Oliveira. Nasceu em Santo André, São Paulo. Professora e escritora. Criou o conceito de literatura negro-brasileira do encantamento...



“Serenou o mar... De verde-jade, serenou o mar.

Lânguidos, os raios do sol repousam suas línguas candentes no corpo-mar fresco e sereno, lambendo-o como fazem as felinas ao banhar, com amor, suas crias.

A Mãe Mar, também conhecida como ‘O Pélogo Que Tudo Vê’, já sabe que a barca conduz uma princesa-filha, herdeira do grande berço africano que constituiu toda a humanidade e cujos ancestrais já foram acalentados pelas águas cor de jade que banham a costa do Senegal.

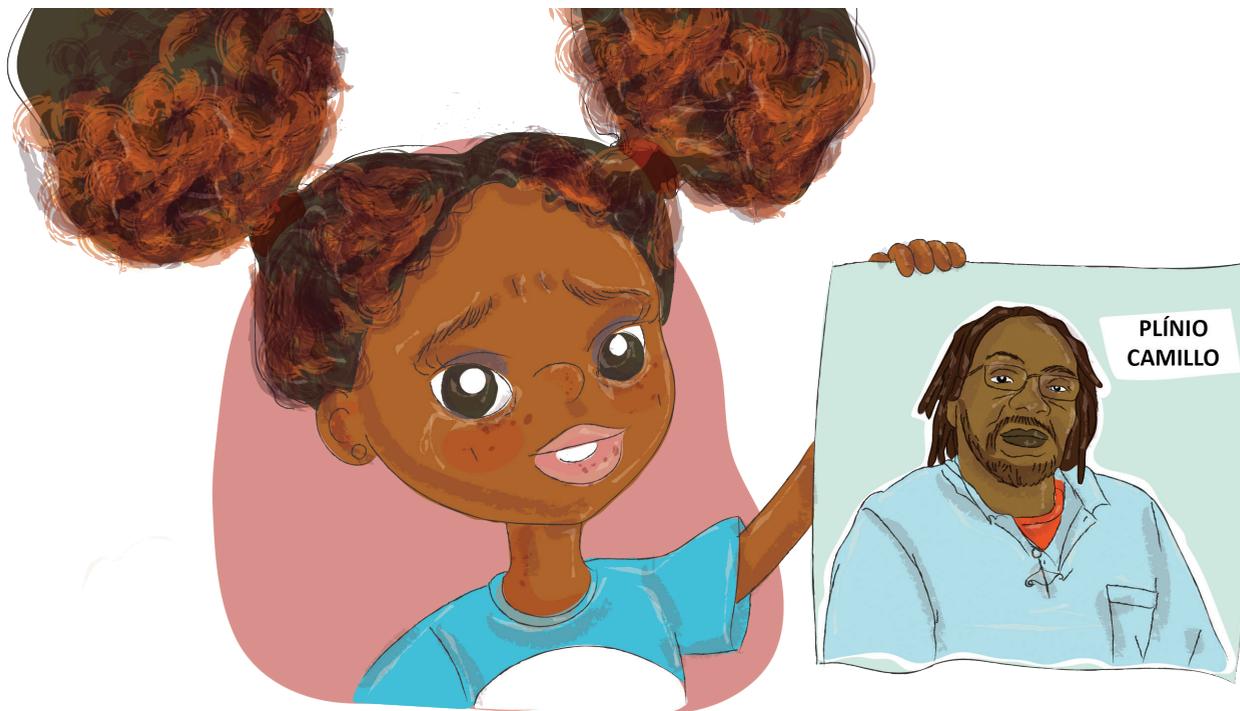
Mas, o que Ela pode fazer senão estender seu manto-corpo-jade para receber, com honrarias, uma filha que após tantos séculos ao berço negro retorna?”
(Kiusam de Oliveira, *O mar que banha a ilha de Goré*)

— Machado de Assis. Grande escritor brasileiro.
Negro, porém embranquecido...

Apresentações emocionantes! Muitos aplausos!

— Para encerrar o evento, Maria Flor. Com o escritor paulista Plínio Camillo. Autor de: *Outras vozes, Luíza, O namorado do papai Ronca, Notas de escurecimento...*





“— Corre! Vamos! Vamos!
Assassinaram na traição, abateram na noite, e pelas
costas!

Não se faz isso com a gente!

Grita para não chorar.

Corre! Vamos! Vamos!

Lá receberemos todos os aflitos, os sem lugar, os
rejeitados e os fugidos. Aprenderemos a ser irmãos e
irmãs: negro, índio, mulato, cafuzo e confuso.

Corre! Vamos! Vamos!

No dia, plantaremos, cultivaremos, colheremos e
nos defenderemos ombro a ombro.

Somos gente!

MUDAREMOS O NOSSO MUNDO!

SÓ NOS RESTA VENCER!

CANTAREMOS
DANÇAREMOS



Na noite, cantaremos, dançaremos e ouviremos histórias dos nossos antepassados.

Somos gente!

Corre! Vamos! Vamos!

Faremos do medo raiva, e ninguém nos aprisionará.

Transformaremos a dor em força e mudaremos o nosso mundo.

Trocaremos os pesadelos pela realização dos sonhos de todos.

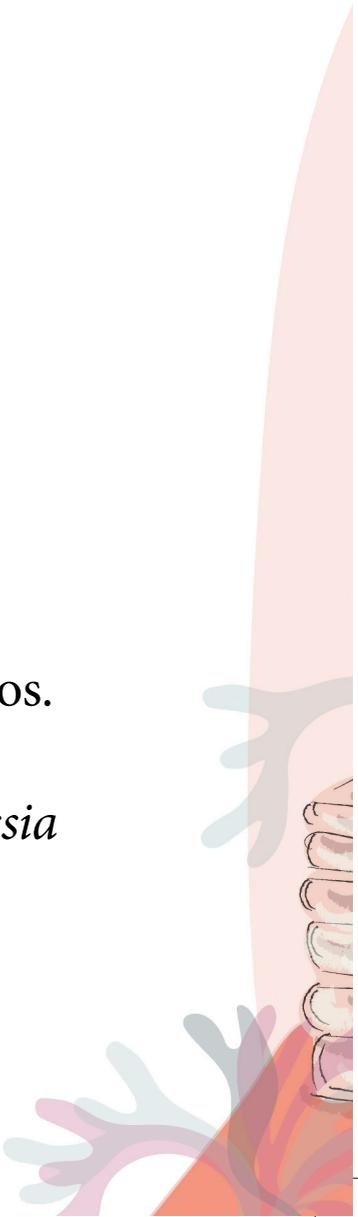
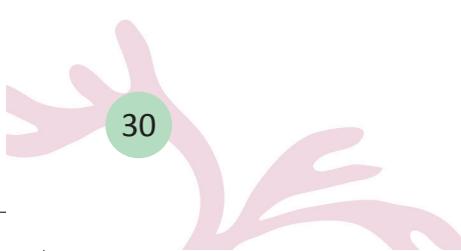
Só nos resta vencer.”

(Plínio Camillo, *Notas de escurecimento*)





Que ecoe nossa voz.
Rajada de vento se espalhe.
Sacuda.
Desperte.
Manifeste nossa força.
Em cada canto da terra,
levantem-se nossos corpos negros:
na batida do tambor,
nossa ginga,
nosso encanto,
nosso poder,
brote em flor.
— Que surpresa, um poema de sua autoria!
Aplausos. Aplausos.
As palavras proferidas reverberam até hoje.
Cá estamos, eu e Maria Flor. Reencontro de afetos.
Noite de lançamento. Seu primeiro livro de poemas.
Sua própria voz na literatura negro-brasileira. *Travessia*
atravessará o tempo. Eco para o futuro. Jorrará.







Fabiana Guimarães

Sou Fabiana Guimarães e nasci em Mangabeira, Eusébio, no Ceará, onde tenho a alegria de morar até hoje. Escrevi muitos outros livros, dentre eles: *O menino e o tempo*, *A festa da muriçoca*, *A lagoa encantada* e *Descobrimo o amor com os olhos da alma*. Neste quinto livro da coleção Paic Prosa e Poesia, proponho um olhar indignado contra o racismo, que, de forma tão cruel, ainda atravessa todas as nossas relações.



Cris Soares

Oi! Meu nome é Cris Soares, nasci em Fortaleza, no Ceará, mas percorri o Piauí, o Maranhão, o Pará e Brasília, atravessando infâncias e adolescências. O desenho sempre me acompanhou, por isso, escolhi estudar Artes Visuais, e minha pesquisa de mestrado aborda Infâncias e Arte Contemporânea. Acredito nos superpoderes das crianças! Tenho dois filhos: Otto e Lino, que me ensinam algo novo todo dia, já que adoramos desenhar, ler e imaginar mundos juntos! Para conhecer outros livros que ilustrei, acesse: <https://www.behance.net/crissoares>.





O **Governo do Estado do Ceará**, por meio da Secretaria da Educação, em cooperação com seus **184 municípios**, objetivando garantir o direito de acesso ao livro e à leitura literária, publica e distribui às turmas da **Educação Infantil** e do **Ensino Fundamental** a coleção **(PAIC, PROSA E POESIA)**. Essa iniciativa reúne textos de autores cearenses selecionados mediante edital público, com o propósito de incentivar a manutenção e o fortalecimento da cultura e da identidade cearense.

Uma turma enfrenta o preconceito e descobre a riqueza e as belezas da cultura preta. Fabiana Guimarães conta uma história de afirmação, respeito e valor humanitário. O final surpreende com algo que atravessa os tempos.

ISBN 978-85-8171-393-9



9 788581 713939

VENDA PROIBIDA